

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO – IFRJ – *CAMPUS* ARRAIAL DO CABO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS APLICADAS AO ENSINO - TDAE

DOCENTES NEGRAS: CONSTRUINDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

**Andreia Fernandes Neves¹
Cintia Paula Santos da Silva²**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as experiências realizadas durante o ensino remoto, por meio das tecnologias digitais, para fomentar a educação antirracista durante o contexto pandêmico, assim como as trajetórias de encontro e fortalecimento mútuo de duas docentes negras, comprometidas com a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, e a criação do projeto GRIOT - Pesquisa, difusão e memórias em tradições afro-brasileiras, Coletivo atuante na Região dos Lagos/RJ desde 2008, até os dias atuais. O cenário educacional foi afetado com o surgimento da pandemia de Covid 19, em 2020. Diante desse contexto, as tecnologias que faziam cada vez mais parte da vida de alunos e professores passaram a ser essenciais. A partir da perspectiva autoetnográfica (Euclides Silva, 2018), devido a relação direta desta pesquisadora com o objeto de estudo, buscamos unir alguns importantes pilares do que chamamos de educação tecnológica com olhar antirracista, unindo autores que dialogam acerca de leis que versam sobre educação antirracista como Gomes (2017), Munanga (2006), dentre outros. Além de pesquisadores que abordam a temática das relações entre tecnologias digitais e ensino como Levy (1999) e Gomez (2015). Assim, buscamos contribuir para a implementação das referidas leis com o uso das tecnologias digitais, além de contribuir com a formação continuada de profissionais da educação.

Palavras-chave: Educação antirracista. Leis 10639/03 e 11645/08. Tecnologias digitais. Formação continuada

ABSTRACT

This work aims to analyze the experiences carried out during remote teaching, through digital technologies, to promote anti-racist education during the pandemic context, as well as the trajectories of meeting and mutual strengthening of two black teachers, committed to the implementation of laws 10.639/03 and 11.645/08, and the creation of the GRIOT project - Research, dissemination and memories in Afro traditions Brazilians, Collective active in the Region of Lagos/RJ since 2008, until the present day. The educational scenario was affected by the emergence of the Covid 19 pandemic in 2020. In this context, the technologies that were increasingly part of the lives of students and teachers became essential. From the autoethnographic perspective (Euclides Silva, 2018), due to this researcher's direct relationship with the object of study, we seek to unite some important pillars of what we call technological education with an anti-racist perspective, uniting authors who dialogue about laws that deal with education anti-racist like Gomes (2017), Munanga (2006), among others. In addition to researchers who address the issue of relationships between digital technologies and teaching such as Levy (1999) and Gomez (2015). Thus, we seek to contribute to the implementation of these laws with the use of digital technologies, in addition to contributing to the continuing education of education professionals.

Keywords: Anti-racist education. Laws 10639/03 and 11645/08. Digital technologies. continuing education

¹ Aluna da Pós TDAE: and0478@gmail.com – SED- Arraial do Cabo

² Orientadora: cintia.santos@ifrrj.edu.br – IFRJ- Instituto Federal do Rio de Janeiro

1. Introdução

Neste trabalho adoto a perspectiva da autoetnografia, concebida por Adam e Ellis (2013), como uma metodologia de pesquisa atrelada a experiência pessoal, no contexto das relações, categorias sociais e práticas culturais, com o intuito de abordar os caminhos que podem conduzir a uma educação antirracista por meio das tecnologias digitais.

Em minha estratégia metodológica e discursiva, reúno a natureza de dois grupos de vozes: subjetivas e objetivas, características importantes desta metodologia. Os momentos que utilizo o recurso da voz subjetiva são aqueles nos quais recorro aos registros de minha memória e experiências. Esta voz busca ser lírica e metafórica. Por outro lado, a voz objetiva é cercada de cuidados e temores, e busca cumprir o requisito de estilo de escrita da academia. Utilizo, principalmente, para descrever conceitos, teorias e realizar reflexões e interpretações. Dessa forma, neste trabalho proponho uma autoetnografia negra e dialogada (Griffin, 2012; Salters, Jasmine, 2016), e nesta metodologia trago vozes simultâneas que compõe o texto, a partir de experiências individuais e coletivas.

Meu nome é Andréia Fernandes, mulher negra, professora, pesquisadora e ativista antirracista. Nascida na Baixada do Rio de Janeiro e criada no Morro da Cabocla, Arraial do Cabo, RJ. Por anos, eu ocupava o lugar que havia sido reservado para mim enquanto criança negra. Preenchendo as estatísticas de miséria das décadas de 1980 e 90, herança do período pós-abolição.

Como nos diz Campos (2005), eu seria apenas mais uma menina negra sujeita a todas as mazelas características dessa época. Filha de mãe nordestina, irmã mais velha de muitos irmãos sem pai, ou alguém que preenchesse este espaço. Desde muito cedo eu entendia a importância da escola em minha vida e que tristes eram os dias em que não tinha aula. Sempre fui apaixonada pela leitura, desde o momento em que esse mundo “das letras” se abriu para mim, por volta de 1985.

Até então, muitas mulheres já tinham lutado pelo direito de estudar, de votar, de serem votadas e de terem vez e voz no mundo, mas eu ainda não sabia disso. Apenas tentava sobreviver, ajudar minha mãe financeiramente e “arrumar” algum tempo para terminar de ler um livro. No fundo, eu sempre tive certeza da importância da educação escolar em minha vida, sabia que estudar seria a única forma de “ser alguém”. De alguma maneira, a vida me ensinava o que Edgar Morin (2005), quer dizer ao propor que “o ensino dá conhecimento, fornece conhecimento, saberes”. Ou seja, o ensino ou a escola podem abrir portas e mundos. No entanto, eu também percebia, mesmo sem saber como explicar, que conhecimento também

é poder. Eu entendi minha realidade através da educação, e foi ela que me trouxe até aqui, acadêmica preta, pesquisadora e, principalmente, professora.

Hoje, trabalho para fortalecer a educação antirracista e a formação continuada de professores para implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/08, por entender, a partir da minha própria experiência, o quanto a escola pode reconstruir a realidade social de indivíduos, apresentando outras versões ou traduções da realidade e, principalmente, oportunidades.

E minha trajetória, apesar de obter as melhores notas e ser muito dedicada à escola, trabalhar sempre era a primeira opção dentre as “escolhas” que eu tinha que fazer. Por viver em uma cidade turística, no verão, eu precisava renunciar à escola para preencher cargos no ramo turístico, assim como verifica-se nas estatísticas de evasão escolar (Censo 2010). Foi na EJA que eu concluí o ensino fundamental e entendi que isso também fazia parte de um processo de “seleção social”, também chamado de racismo estrutural, definido por Almeida (2020. p.50) como um processo político e histórico. Segundo o autor, o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja do modo “normal” com que se constitui as relações políticas, econômicas e até familiares [...] o racismo é estrutural”. Esse racismo alimenta as desigualdades e faz com que meninas pretas do morro, que adoram o mundo mágico da leitura, ocupem estatísticas de exclusão social e escolar.

Apesar das adversidades, em 2003, ingressei na Universidade Veiga de Almeida (Campus Cabo Frio-RJ), no curso de História. A experiência profissional e o ativismo me fizeram perceber a necessidade e importância da luta antirracista, foi uma dura trajetória de acadêmica, preta, favelada e mãe solo, mas o tão suado diploma de graduação, o primeiro da minha família, chegou em 2006. Além disso, a pandemia de Covid-19 acelerou a inserção de alunos e professores no mundo digital e tecnológico, assim como a oportunidade que me foi apresentada de cursar uma pós-graduação em uma instituição pública federal (IFRJ-Campus Arraial do Cabo), através de cotas raciais (Lei 12711/12), me estimulou a seguir o caminho deste estudo, realizando uma análise de aulas e atividades realizadas durante o ensino remoto por mim e Márcia Fonseca, professora de educação física, idealizadora, diretora, coreógrafa, percussionista, ativista antirracista e “brincante³” do Grupo GRIOT- pesquisa, difusão e

³ Participante de folguedo folclórico, auto popular e/ou manifestações culturais afro-brasileiras.

memórias em tradições afro-brasileiras⁴, a partir do olhar da igualdade racial e da valorização da História e cultura afro-brasileira e indígena por meio das tecnologias digitais.

2. Diálogos acerca da autoetnografia

“Se a dominação pode ser inevitável como fato social, é improvável que ela permaneça hegemônica como uma ideologia no interior dos espaços sociais em que as mulheres negras falam livremente. Esse domínio de um discurso relativamente seguro, mesmo que restrito, é uma condição necessária para a resistência das mulheres negras. Famílias estendidas, igrejas e organizações comunitárias, são espaços importantes nos quais o discurso seguro potencialmente pode ocorrer. (Collins, 1990, p. 6)

Patrícia Collins, expoente feminista negra norte americana, enfatiza a importância de mulheres adotarem e reconhecerem redes de afeto, de apoio, de existir e resistir em seus contextos sociais. Minha trajetória e de Márcia Fonseca, fundadora do Coletivo GRIOT, duas mulheres negras e professoras brasileiras é permeada por desafios, lutas e apoio mútuo; e o coletivo tem sido cada vez mais reconhecido e respeitado por sua prática e metodologia de ensino para uma educação antirracista dentro e fora da escola.

Dessa forma, sentimos a necessidade de seguir com este texto a partir da perspectiva da autoetnografia, uma metodologia de pesquisa qualitativa em que a etnografia, a autoanálise e a biografia são combinadas com dados fornecidos pelo contexto em que ocorre a pesquisa. Segundo Sally Denshire (2014) a autoetnografia é um método alternativo de escrita que pode ser situado entre os estudos literários e a antropologia.

A autoetnografia surge com a necessidade de romper com a visão eurocêntrica da pesquisa acadêmica. Segundo Ellis (2004), a autoetnografia deu voz as pessoas da classe trabalhadora e minorias étnicas. Pessoas que não teriam escrito na tradicional prosa das ciências sociais.

A escolha por esta metodologia se fortalece também a partir do destaque de Alves Santos (2017), que a narrativa pessoal do pesquisador, junto de suas escolhas sociopolíticas darão rumo ao desenvolvimento do estudo. Ao tratar em suas pesquisas a respeito do surgimento e utilização da metodologia da autoetnografia, o autor fez o levantamento e diálogo entre o pensamento e escrita de Hayano (1979) a Carolyn Ellis (2004), que vai

⁴ - GRIOT- Pesquisa, difusão e memórias em tradições afro brasileiras - O Coletivo/ grupo de estudos GRIOT, desde 2008 existe na Região dos Lagos, com sede em Cabo Frio, pesquisando, difundindo memórias e contemporaneidades, em ações comprometidas com o antirracismo, no âmbito da lei 11645/08, com o protagonismo, a identidade e visibilidade cultural afrocentrada, tendo como principal atividade as danças, a percussão e a capoeira..

responder acerca deste conceito ainda pouco utilizado pela academia, apesar de vir se desenvolvendo cada vez mais, principalmente a partir do momento em que as pessoas historicamente excluídas dos bancos acadêmicos, agora podem contar suas histórias e analisar seu contexto histórico e social a partir do lugar de agentes e pesquisadores.

A autoetnografia vem sendo utilizada cada vez mais ao longo dos últimos trinta anos e vem ganhando espaço entre pesquisadores. Segundo Ellis (2004) esse método pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural.

Recentemente, temos visto cada vez mais sujeitos excluídos da universidade inserindo-se no campo acadêmico: pessoas negras, indígenas e outras consideradas minorias em nossa sociedade, e tendo a oportunidade de romper com a forma eurocêntrica de pesquisar a História de um determinado grupo ou pessoa, partindo de sua própria experiência. Assim, de acordo com Adams (2015) este tipo de investigação é tratado como um ato político e social, além de empregar as metodologias utilizadas na autobiografia, bem como as da etnografia.

É nesse sentido que apesar da dificuldade de ser historiadora e escrever em primeira pessoa, uma das características da autoetnografia, já que na academia somos ensinados justamente a perder a subjetividade e nos afastarmos o máximo possível do tema analisado, ao me debruçar na observação do trabalho realizado por mim e pela professora Márcia, grande companheira de jornada, surgido no contexto de luta antirracista no qual estou inserida, me fez sentir necessidade de realizar este trabalho a partir desta perspectiva. Dessa forma, traço o percurso sugerido por Smith e Watson (1993) ao problematizar uma escrita estável e unívoca do self, na qual as autoras propõem autobiografias onde subjetividades pluralizadas, metáforas, tempos não lineares e espelhamentos, entre outras metodologias são inseridas no ato de relatar-se.

Ao longo destes anos de atuação como docente, ativista e junto ao Projeto GRIOT, muitos registros foram gerados, fotos, matérias em jornais, blogs, sites, vídeos, podcasts, figurinos, músicas, são documentos que permitirão uma melhor leitura e descrição destas ações e comprovação da real atuação deste coletivo, especialmente, em contexto virtual devido a emergência da pandemia de Covid 19.

Dentro dos procedimentos de análise na autoetnografia, é possível utilizar diversas técnicas: “diários de campo compostos por fatos registrados e reflexões de quem investiga, bem como pensamentos, impressões pessoais sobre os indivíduos envolvidos e percepções; e entrevistas analisando formas de falar e de agir sobre a utilização de espaços e lugares,

arquitetura, ou ainda sobre artefatos como roupas, textos, livros, filmes e fotografias” (Kock, Godoi & Lenzi citados por Andrade, 2016, p.4).

Para a composição desta pesquisa autoetnográfica as minhas experiências pessoais serão os principais instrumentos de análise, já que ao longo do período de mais de dez anos, atuo em parceria com a professora Márcia Fonseca, através do coletivo GRIOT, para contribuir para a implementação das leis de ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena através de atividades de estudos como palestras, fóruns, encontros, oficinas e formação continuada, agora também no que diz respeito às tecnologias digitais como ferramentas fundamentais para alcançar este objetivo.

Dessa forma, nesta pesquisa, a metodologia de escrita pretende transitar entre o meu “tornar se negra” enquanto professora, feminista negra e ativista antirracista e a prática através das minhas próprias experiências juntamente com a professora Márcia, enquanto educadora antirracista preta, seguindo o que afirma Salters (2016) sobre a importância da valorização e do fortalecimento da cultura, da História e da população preta e indígena em âmbito escolar. Assim, a partir de nossos lugares de atuação, escolas públicas da Região dos Lagos- RJ, propomos uma autoetnografia negra dialogada, trazendo reflexões sobre as vivências diante dos esforços para implementação de uma efetiva educação antirracista em âmbito digital no contexto da pandemia.

3. Histórias cruzadas: Dialogando autoetnografias de professoras negras

Era começo de noite, por volta das dezenove horas, o calor característico do mês de dezembro na cidade de Arraial do Cabo não dava trégua.



Imagem 1: Casa da Poesia
Fonte: Acervo GRIOT

O cheiro de verão estava no ar, misturado ao cheiro da maresia que vinha dali de perto,

na Casa da Poesia, espaço cultural que guardava, aquela época, a memória e acervo do renomado poeta Victorino Carriço, segundo o Jornal a Folha dos Lagos (2019), nascido em 1912 no município de São Pedro da Aldeia – RJ. Morou em Arraial do Cabo durante sua juventude e idade adulta até seu falecimento em 2003, na casa localizada bem perto da Praia hoje conhecida como Praia dos Anjos, mas que a população mais antiga costuma informar orgulhosa, chamar-se originalmente “Praia da Rama”, devido às plantas rasteiras que se desenvolvem nas dunas, hoje mais escassas do que outrora. Assim como a própria vegetação que batizava a praia que também nomeia o bairro em que Victorino viveu a maior parte da sua vida.

Naquela casinha rosa de janelas azuis e com flores na sacada, no fim do ano de 2009, a Cia. Teatral Uscalangos da Restinga⁵, dirigida pela atriz e bonequeira Fernanda Machado⁶, se preparava entre ensaios e produção para apresentar o espetáculo de auto de natal “Meu Caro Jumento”⁷, com base no texto de Patativa do Assaré, poeta e repentista brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Eu era uma das atrizes e produtora da companhia, assim como colaboradora da Casa da Poesia.

Para encerrar aquele ano que tinha sido cheio de grandes eventos, atividades e ações de resgate da nossa cultura popular, tanto no que diz respeito a “casa”, como no que diz respeito a nossa companhia teatral composta por um coletivo de professores, estudantes e amigos, que por causa dos incômodos sociais extravasavam a partir da arte, dando vida à companhia que se identificava como libertária e refletia os sonhos de jovens e alguns recém (ou nem tanto) formados professores que acreditavam na importância da educação; além de outros amigos que assim como nós, queria romper com o sistema de opressão social no qual o Brasil estava inserido.

⁵O nome Uscalangos da Restinga que batiza a Cia. Teatral vem de: USCA= Forma característica de vaia muito utilizada em Arraial do Cabo que tem uma linguagem bastante própria. CALANGOS = Nome popularmente dado ao tipo de lagarto encontrado na Restinga (vegetação característica da Região dos Lagos)

⁶Fernanda Machado é atriz há mais de 25 anos do Grupo de teatro de rua chamado “Ta na Rua”, localizado na Lapa, Rio de Janeiro - RJ e dirigido pelo professor, ator e diretor de teatro Amir Haddad. Fernanda é a criadora da Boneca Lílca e se apresenta levando muita alegria e informação para crianças de diversos lugares, etnias e classes sociais.

⁷ Cia. Libertária Uscalangos da Restinga - Auto de Natal "Meu caro jumento" de Patativa do Assaré. Casa da Poesia - Em 22 de dezembro de 2009 - Arraial do Cabo/RJ. Álbum de fotos do evento no perfil da casa da Poesia: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.151372541579178&type=3>. acessado em 01/09/22, às 17h41min.



Imagem 2: Ensaio da Cia. teatral UscaLangos da Restinga com a participação e colaboração técnica da professora Márcia Fonseca. Estudo: Ciranda praieira. 2010
Fonte: Perfil da Casa da Poesia no *Facebook*, 2010.

Nesse contexto, a questão racial ainda não era um fator determinante em nosso desenvolvimento artístico, apesar de eu já caminhar em paralelo para a descoberta da necessidade de luta e ativismo antirracista, me inserindo no Movimento Negro da Região dos Lagos e descobrindo na prática aquilo que mais tarde eu leria nos textos de Lélia Gonzalez (1988) em seu diálogo com o pensamento de Simone de Beauvoir (1980, p.69), em que faz o seguinte paralelo com a questão do nosso entendimento quanto mulher negra. “Não se nasce negra, torna-se”. As coisas em minha vida estavam se movendo de forma cada vez mais ágil em direção ao entendimento da minha identidade de mulher preta.

No ano anterior eu havia participado da II Conferência Estadual de Igualdade Racial (2009), evento ocorrido durante dois dias na cidade do Rio de Janeiro, no qual várias entidades de referência, cultura e lutas das populações negras estiveram presentes, ficando hospedadas em sua maioria, no mesmo hotel. Lembro o quanto esse momento foi um divisor de águas em várias questões na minha vida. Ver tantas pessoas negras, com vários perfis diferentes, pretos e pretas de todos os tons, retintos, mais claros, mais escuros, com vitiligo, gordos, magros, com e sem deficiências, pessoas pretas mais velhas e mais novas, e os

cabelos tão lindos e diversificados, que pareciam esculturas de tranças e Black Powers, assim como os turbantes que circulavam majestosos pelos corredores do hotel Rio's Presidente localizado na Lapa, no Rio de Janeiro naqueles dois dias de junho de 2009.

Este acontecimento marcou minha história e principalmente a trajetória de ativismo negro e de luta antirracista, inicialmente a partir do viés pessoal, da autoidentificação como negra, passando pelo olhar e prática no âmbito cultural, já tentando inserir esse olhar nas ações da Casa da Poesia.

Apesar de ter me formado pela universidade Veiga de Almeida em 2006 no curso de licenciatura em História e lá ter tido meu primeiro choque de identidade, entendendo a História da formação do Brasil, principalmente me entendendo como negra e periférica, recorrendo mais uma vez ao pensamento de Davis (2016) por saber que a minha condição de gênero, classe social e raça, são fatores fundamentais na construção da minha trajetória. Também fui inserida neste contexto por mulheres negras fundamentais em minha trajetória de luta e entendimento racial, e que me fortaleceram para que hoje eu esteja onde estou na luta antirracista, mulheres negras como Márcia Fonseca e outras que ajudaram a me construir como ativista negra e entender o termo Dororidade que seria criado por Vilma Piedade (2017, p.11) para nos explicar sobre o poder da união de mulheres e o quanto a estrutura social pode se mover quando mulheres pretas se unem e se fortalecem em suas dores mútuas.

Estou dividindo com vocês estes momentos de tensão e angústia que me acompanham desde que me propus a criar um Conceito - um novo conceito feminista. Em criando o conceito, me dei conta de que também criei um vocábulo novo, uma nova palavra...Dororidade” (PIEADADE, 2018, p.11)

Foi nesse contexto, junto ao grupo de teatro de rua, a *Companhia Libertaria Usalangos da Restinga*, já tendo tido minhas primeiras experiências em sala de aula como professora de História, e sendo inserida no contexto do ativismo negro via Movimento Negro através de algumas mulheres negras, que conheci a professora Marcia Fonseca, mulher negra, professora de educação física, carioca, formada pela Universidade Rural do Rio de Janeiro. E ainda não sabia, mas meu encontro com a professora Márcia daria muitos frutos futuros no que diz respeito a educação antirracista.

Circular no meio artístico cada vez mais nos aproxima da cultura popular brasileira, que era como chamávamos antes de entender que o termo cultura popular não abrange o todo, principalmente levando em consideração o esvaziamento cultural que a própria palavra nos traz, como podemos observar na escrita - de Chartier sobre cultura:

Adotar tal perspectiva significaria esquecer que tanto os bens simbólicos como as práticas culturais continuam sendo objeto de lutas sociais onde está em jogo sua desclassificação, sua hierarquização, sua consagração (ou, ao contrário, sua desqualificação). (CHARTIER, 2005, p.32)

E Abdias do Nascimento (2016), em seu estudo sobre o processo de racismo mascarado:

(...) Embranquecimento da cultura por meio das academias e universidades, o sincretismo e a adulteração da ideia de persistência da cultura africana... (NASCIMENTO, 2016, p.42)

Hoje, o GRIOT é um coletivo de professores negros, que se reúnem, estudam as manifestações e tradições afroculturais, utilizando-as como ferramenta para o ensino/aprendizagem com foco na valorização da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, e colocamos em prática o pensamento de Gomes (2005), que revela a necessidade de se desenvolver estratégias de combate ao racismo na escola, devido ao fato da importância e relevância do ensino e da valorização da cultura afro-brasileira e indígena em todos os âmbitos da sociedade brasileira.

É deste lugar que nasce este artigo. Ao vislumbrarmos na educação, a importância da “real” implementação das leis 10639/03 e 11645/08⁸ e como essa percepção foi aflorada com minha participação desde o nascimento do GRIOT⁹, até o amadurecimento do mesmo, no qual produzimos todo tipo de material: mídias, material audiovisual, palestras, participação em feiras, eventos, apresentações, ações em escolas e muitas oficinas e cursos de formação continuada para profissionais das redes municipais de todas as cidades da Região dos Lagos e outras fora do Rio de Janeiro, até mesmo fora do Brasil.

A partir do meu lugar de fala me permite, com o apoio da professora Marcia Fonseca, apesar de todas as dificuldades encontradas no trato com a educação étnicorracial, como nos traz Gomes (2005), pudemos nos fortalecer e fortalecer nossa prática antirracista, muitas vezes interferindo no contexto escolar uma da outra, em ocasiões estratégicas, com oficinas, encontros e rodas de conversas a respeito das temáticas étnicorraciais.

⁸ Lei 11645 de março de 2008, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

⁹ GRIOT - Construindo Saberes é o nome inicial dado pela professora Márcia Fonseca enquanto este se referia ao seu projeto pedagógico, atividades diretamente trabalhadas com alunos da escola Catharina, depois quando o projeto extrapolou os muros da escola, passou a se chamar GRIOT-Pesquisa, difusão e memórias em tradições afro-brasileiras.

Além de intercâmbios constantes com comunidades tradicionais como os Quilombos da Região dos Lagos, dentre eles: Quilombo Baía Formosa com o qual tivemos o orgulho de contribuir para o estudo e resgate da ciranda que seus “mais velhos” afirmavam fazer parte de seus festejos, o Quilombo Botafogo (Cabo Frio-RJ), que visitei muitas vezes, Quilombo da Rasa, onde tive a oportunidade de estar com Marcia quando seus alunos dançaram jongo e ouviram histórias de Dona Eva e Dona Uia, mãe e filhas mais velhas e lideranças do Quilombo da Rasa em Búzios - RJ, o Quilombo São José localizado em Valença, território que nós frequentamos e bebemos da fonte de saber durante mais de oito anos seguidos, frequentando anualmente a festa de Pretos Velhos onde aconteciam várias manifestações afro populares, principalmente o Jongo, dança tradicional característica do Sudeste do Brasil, caracterizada como dança de umbigada“, conhecida como “bisavô do samba” por sua origem bantu, ressurgida nas senzalas e plantações na qual os negros escravizados estiveram presentes. E como nos lembra Munanga (2006. p.106) quando nos traz o conceito de resistência cultural, que faz com que negras e negros sobrevivam apesar das mazelas sociais do racismo que nos atravessa cotidianamente graças aos nossos saberes e fazeres culturais.

Na imagem a seguir, em 2010, tenho a honra de presenciar e registrar a apresentação destes alunos da referida professora Márcia no Fórum de Educação dos municípios do Rio de Janeiro, servindo como um positivo exemplo de educação antirracista e de valorização da cultura afro-brasileira. E mais uma vez eu estava lá, fortalecendo o movimento e servindo não só de testemunha atuante no processo de difusão destas formas de ensinar, como parceira na construção de uma educação antirracista.

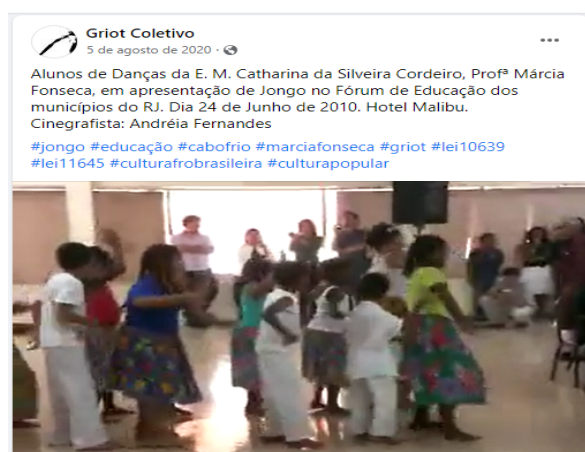


Figura 3: Alunos da E. M. Catharina da Silveira Cordeiro - Apresentação de Jongo no Fórum de Educação dos municípios do Rio de Janeiro, 2010. Cabo Frio-RJ

Fonte: Facebook Griot

Da mesma forma que o intercâmbio destes alunos com comunidades quilombolas e

sua cultura também enriqueceria muito sua trajetória estudantil, principalmente se levarmos em conta a grande maioria de origem negra e/ou afrodescendentes. Na imagem a seguir, registrada por mim, vemos alunos da escola Catharina, levados pela professora Márcia, que podia contar com meu apoio como colaboradora, ao Quilombo Machadinha, localizado no Município de Quissamã - RJ com o intuito de fazer um intercâmbio, conhecendo o Jongo tradicional daquela comunidade.



Imagem 4: Meu registro da ida de alunos da Professora Marcia Fonseca, da E. M. Catharina da Silveira Cordeiro ao Quilombo da Fazenda Machadinha em Quissamã-RJ. 2010

Além do apoio e ensinamentos recebidos por estas e outras comunidades tradicionais que reconhecem a importância do trabalho do GRIOT dentro e fora da escola, também tivemos o apoio de Mestres e Mestras ao longo destes anos, já tendo inclusive gerado outros frutos como o projeto de percussão afro-feminina chamado Tambor de Iaiá¹⁰, por que entendemos que a educação verdadeiramente antirracista vai além da sala de aula tradicional, passa pelo entendimento e aceitação do corpo preto como ferramenta de resistência, como afirma Gomes (2019). Ela dialoga em seu pensamento com Munanga (2006) em sua reflexão a respeito do corpo negro como ferramenta de resistência:

De uma ponta a outra do continente americano e do Brasil a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão. Seja pela religiosidade, pela dança, pela luta, pela expressão, a via corporal foi o percurso adotado para combate, resistência e construção da identidade (MUNANGA. 2006. p.116)

Toda a importância e necessidade de se tratar das questões étnicorraciais dentro e fora das salas de aulas, se veem fortalecidas no pensamento de Gomes (2005) que discorre a

¹⁰ Tem como objetivo o fortalecimento e valorização da mulher preta a partir do aquilombamento e da prática de tocar tambores

respeito do quanto é difícil abordar esta temática devido à muitos fatores, dentre eles, a resistência dentro da própria comunidade escolar. Márcia Fonseca por exemplo, como professora preta, de educação física, consegue através da sua prática profissional trabalhar questões referentes ao combate ao racismo e a valorização de pessoas negras fazendo do corpo negro por si só ferramenta de combate ao racismo. Na construção de trabalhos que ela com meu apoio e parceria, colocou em prática como por exemplo o Natal no Quilombo¹¹.



Imagem 5: Cena do auto de Natal intitulado Natal no Quilombo. idealizado pela Professora Marcia Fonseca. E.M. Professora Catharina da Silveira Cordeiro, Cabo Frio. e registrado por mim em 2010¹².

Por todo o exposto e pelo orgulho que tenho em saber que contribuo com Márcia, e que mesmo tendo sido muitas vezes chamada de “tia da macumba”, como eu pude presenciar, por usar colares e turbantes, ensinar danças, batuques, falar da estética preta e combater o racismo na escola, nunca demos um passo atrás naquilo que acreditamos ser o melhor para aqueles alunos, em sua grande maioria negros, que ainda se referiam uns aos outros com termos negativos e sofriam, reproduzindo o racismo presente na sociedade. Hoje, temos contato com seus ex-alunos, já adultos em sua maioria, e podemos perceber a liberdade que eles refletem através de seus cabelos naturalmente afro, ou a relação de alguns com religiões de matrizes africanas, conscientes de sua negritude, reflexos de uma educação com foco nas relações étnicorraciais e de combate ao racismo. No entanto, a análise dos reflexos da real implementação da lei 11.645, pretende acontecer em um próximo estudo desta pesquisadora.

Ao analisar mais profundamente o projeto GRIOT uma necessidade atravessou esta pesquisa, a partir da constatação da impossibilidade de contar a trajetória do projeto em questão, sem que junto com estas narrativas estejam envolvidas a vivência e influência direta desta pesquisadora, como mulher negra e professora comprometida com a educação

¹¹ Auto de Natal em que o Jesus era um aluno negro e com deficiência que representava o personagem cristão que tinha seu nascimento reverenciado por várias personalidades e manifestações negras e afro-brasileiras

¹² Link para mais fotos:

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.1786542346397.2100335.1324687879&type=3>

antirracista, dentro e fora das ações do Coletivo GRIOT, que integro desde 2010 como coordenadora, inicialmente em Arraial do Cabo - RJ, transferindo-nos em 2014 para Cabo Frio-RJ, onde até a presente data, encontra-se localizada a nossa sede.

Ao levar em consideração a permanente participação desta professora e as ações do referido projeto, este fato conduziu à pesquisa a opção pelo método aqui citado. Traçar a trajetória destas duas professoras negras, comprometidas com a educação antirracista, com projetos voltados para a valorização e protagonismo de negros e principalmente negras e suas histórias é um compromisso fortalecido através do pensamento de Bell hooks (2013), porque além da escrita de vivências de mulheres negra, também envolve a escrita acadêmica, sobre a nossa trajetória, a partir do meu lugar de fala, conceito trazido por Ribeiro (2017) e que nos coloca no lugar de protagonistas da nossa própria história.

Ao longo de muitos anos a partir da implementação das leis nº 10.639/03 e 11.645/08, muitas pesquisas a respeito da importância e das dificuldades de implementá-las vieram à luz das discussões das associações de educação em geral, movimentos sociais, corpo docente de escolas públicas e privadas, fortalecidas por acadêmicos de diversas áreas do ensino no Brasil, nós do GRIOT também estivemos sempre presentes nestas discussões, tanto atuando na teoria quanto na prática, ofertando palestras e oficinas visando a formação de professores no que tange o aprendizado e o entendimento a respeito da cultura afro-brasileira e indígena, outras vezes até mesmo atuando em outras escolas que não necessariamente a nossa¹³, e na rede de educação dos municípios de São Pedro da Aldeia, Cabo Frio e Arraial do Cabo.

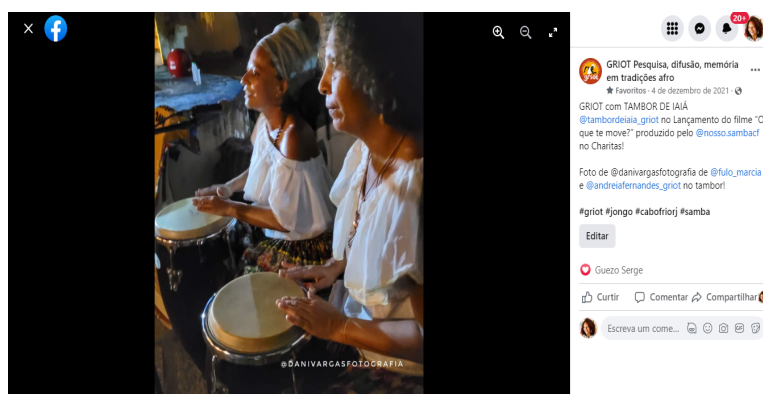


Imagem 6: Professoras Andreia Fernandes e Marcia Fonseca juntas no tambor. Página do GRIOT no *Facebook*. Foto Dani Vargas. 2021

¹³ III Vivências GRIOT – Edição especial “AGOSTO NEGRO”: Um olhar sobre CORPOREIDADE E ESTÉTICA DA MULHER NEGRA a partir de vivências em expressões afro-brasileiras. Atividades: Dança Afro contemporânea, Capoeira, Jongo, Samba de Coco, Ciranda Praieira, Oficina de turbantes entre outros parangolés. Atividade promovida pelo GRIOT em 2014 na Escola Municipal Deodoro Azevedo, Bairro Guarani, Cabo Frio - RJ. <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=griot.cabofrio&set=a.743997845648524>

Pensando na minha experiência e trajetória, assim como a da professora Márcia Fonseca enquanto educadoras pretas, comprometidas com nossos fazeres e principalmente quanto ativistas antirracista, nos vimos atravessadas pela necessidade de partir do pensamento da educação libertadora que Freire (2005) nos traz, para de certa forma alcançar nossos alunos pretos, vítimas de racismo de forma tão cotidiana que fortalecer seu pensamento crítico me parecia a única forma de contribuir de verdade para uma sociedade mais justa e igualitária. Ao longo da última década, a prática dentro de sala de aula foi nesse sentido e fora da sala de aula tradicional também, onde eu realmente me sentia fazendo a diferença no mundo e na vida de meus alunos.

Dessa forma, busco trazer a discussão a respeito das possíveis formas de implementação com sugestões de ferramentas e conteúdo, para contribuir para que esse objetivo seja alcançado, agora também e principalmente, no âmbito do ensino remoto. Levando em consideração o quanto o uso das tecnologias vêm avançando e fazendo cada vez mais parte de todas as esferas da vida social dos cidadãos e cidadãs ao longo dos últimos anos, não podemos deixar de refletir o quanto a pandemia de covid-19 acelerou essa necessidade, principalmente, em decorrência de decretos federais estaduais e municipais que a partir de março de 2020, orientavam para a necessidade e obrigatoriedade de isolamento social como ferramenta para conter o avanço da pandemia que assolou o Brasil e o mundo em 2020.

4. Tecnologias Digitais e Educação Antirracista

O surgimento da pandemia de Covid-19 fez com que as desigualdades sociais advindas muitas vezes das desigualdades de classe e raciais, que por sua vez não estão desassociadas das de gênero, como nos mostrou Davis (2016), aflorou na sociedade de forma bastante expressiva.

De acordo com Pereira e Santiago (2021) o modelo de ensino remoto implementado no Brasil focalizou o emprego de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). Apesar das desigualdades de acesso, essas tecnologias foram fundamentais para a adesão do ensino remoto e manutenção do distanciamento social, que possibilitou a diminuição dos casos registrados do novo Coronavírus durante a pandemia e evitaram o colapso no Sistema Único de Saúde.

Lima, Holanda e Braga (2021) destacam que com o objetivo de promover a adaptação do ensino aos recursos provenientes das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

(TDIC)¹⁴ surgiram as ferramentas digitais, compostas por dispositivos e recursos, como softwares, smartphones, tablets, notebooks, aplicativos, sites, vídeos, aplicativos, dentre outros, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, alunos e professores tiveram que aprender a lidar com a tecnologia, grande aliada da população, que se conectava por meio da internet e formava uma rede de interconexão mundial, denominada por Lévy (2000) como ciberespaço: um espaço virtual de interação entre as pessoas. E foi assim que nós continuamos nosso trabalho de implementação das leis de ensino da História e cultura afro-brasileira e indígena, mesmo nas circunstâncias adversas do período pandêmico, conforme verifica-se na atividade a seguir.

500-EM Catharina da Silveira Cordeiro (Prof^a.)-2021
Regular 1^o ao 5^o ano

Instruções Trabalhos dos alunos

C. H.: 2 H/A – ATIVIDADE COMPLEMENTAR DE DEZEMBRO – RITMOS E DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS – MARACATU E SEUS INSTRUMENTOS MUSICAIS.
marcia fonseca • 17 de dez. de 2021
100 pontos

C. H.: 2 H/A - ATIVIDADE COMPLEMENTAR DE DEZEMBRO – RITMOS E DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS - MARACATU E SEUS INSTRUMENTOS MUSICAIS. https://drive.google.com/open?id=1S7J21Y8tMB4eMFvYdTT0gMYsGX_9RO&authuser=0

ATIVIDADE COMPLEMENTAR DE DEZEMBRO – CARGA HORÁRIA: 2 H/A – RITMOS E DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS – MARACATU E SEUS INSTRUMENTOS MUSICAIS.

ATENÇÃO: FAÇA AS TAREFAS, JOGOS E BRINCADEIRAS, **NO CADERNO**, TIRE UM **PRINT**, FOTOGRAFE OU FILME, ENVIE PARA O GSA. É ESSENCIAL A AJUDA DE UM RESPONSÁVEL PARA REALIZAR AS TAREFAS ABAIXO.

RITMOS E DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS – MARACATU E SEUS INSTRUMENTOS MUSICAIS.



VAMOS APRENDER MAIS SOBRE O RITMO DO MARACATU DE BAQUE VIRADO E ALGUNS DOS SEUS INSTRUMENTOS BÁSICOS.

MARACATU É PATRIMÔNIO CULTURAL DE PERNAMBUCO, ESTADO DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL.

(Alunos da E. M. Prof.ª Catharina da S. Cordeiro. Prof.ª Marcia - Fonte da imagem: <https://www.facebook.com/mmedia/sets/?set=17865423463972100335.13246878729&type=3>)

1) ASSISTA AO VÍDEO “GGE SeeKids | Maracatu e seus instrumentos musicais”, LINK: <https://youtu.be/gak6dmC6ITM>

A) QUAIS INSTRUMENTOS APARECEM NO VÍDEO SOBRE MARACATU NA ATIVIDADE 1?

B) GRAVE UM ÁUDIO OU VÍDEO, DE NO MÁXIMO 1 MINUTO, DO RITMO DE UM DOS INSTRUMENTOS QUE APARECEM NO VÍDEO SOBRE MARACATU NA ATIVIDADE 1. PODE SER SONS FEITOS COM O PRÓPRIO CORPO, OU COM OBJETOS. ENVIE PARA A PROFESSORA PELO GSA.

C) DESENHE UM DOS INSTRUMENTOS, QUE APARECEM NO VÍDEO SOBRE MARACATU NA ATIVIDADE 1, EM SEU CADERNO, FOTOGRAFE E ENVIE PARA A PROFESSORA PELO GSA.

Imagem 7: Print cedido pela professora Márcia Fonseca. Refere-se à atividade criada e disponibilizada por ela na sua sala de aula virtual - Google Sala de Aula (GSA), para uma turma de 5º ano do ensino fundamental I da disciplina de Educação Física.

¹⁴ Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) são tecnologias que englobam recursos como computadores, tablets, mídias, smartphones, quadros interativos, aplicativos e outros recursos digitais que permitem a interação, compartilhamento, edição de vídeos e imagens, troca de arquivos, entre outros. Disponível em: <https://www.revistaponte.org/post/metod-ativs-e-tdic-enten-concs>

Lévy (1999), expõe uma nova forma de comunicação gerada pela interconexão de computadores ao redor do mundo, não abrangendo apenas a parte de infraestrutura material, mas também esse novo universo informacional que abriga os seres humanos que a mantêm e a utilizam. Dentro de uma proposta cibercultural e interativa, conforme sugerem Santos e Silva (2014), o ensino visa fomentar desde as crianças a participação em uma espécie de “sala de aula interativa” (2014, p. 45), onde há desestabilização dos papéis e dos conhecimentos, buscando uma aprendizagem mais conectada, real e contemporânea.

Na atividade disponibilizada podemos perceber que parte do material trabalhado durante muito tempo de forma presencial na prática da professora e seu cotidiano escolar, o qual tive o orgulho em poder participar da construção, passou a ser utilizado como ferramenta de auxílio a educação com base nos parâmetros de uma educação pensada para ser antirracista, valorizando as práticas culturais afro-brasileiras e trazendo para o âmbito virtual aquilo que nós, assim como vários outros professores das diferentes áreas e níveis escolares entendemos fundamentais, trabalhar a educação étnicorracial, agora também em âmbito digital.

Na imagem 7, temos uma atividade complementar com carga horária de 2 horas, referente ao ano de 2021. Para conhecer mais sobre os ritmos e danças afro-brasileiras, maracatu e seus instrumentos musicais, a professora de educação física inicialmente oferece um *link* para que seus alunos acessem o vídeo sobre maracatu, ritmo afro-brasileiro, típico do Nordeste do Brasil que representa a coroação simbólica dos reis do Congo. Nela, os alunos são levados a experimentar a tecnologia de forma simplificada, lembrando que este trabalho não pretende, neste momento, realizar a análise do retorno dado pelos alunos, assim como também não será o foco do estudo as dificuldades de acesso ao material disponibilizado devido a vários fatores que merecem ser analisados em trabalhos futuros.

Além de assistir ao vídeo no *Youtube*, os alunos deveriam gravar um áudio ou vídeo do ritmo de um dos instrumentos presentes no vídeo sobre maracatu disponibilizado via *link* de acesso, já nas atividades seguintes, teriam que desenhar em seu caderno físico algum instrumento musical que tenha chamado sua atenção durante a exibição do vídeo, tudo isso sendo retornado em forma de respostas gravadas, fotografadas e postadas no GSA, sistema utilizado pela instituição.

Outro fator importante a ser levado em consideração nesta atividade, é que a imagem disponibilizada para ilustrar o Maracatu, é de uma apresentação ocorrida no ano de 2010, registrada por mim. Aqui vemos a harmonia entre a utilização das tecnologias digitais e

educação antirracista em prática. Eu jamais poderia imaginar que, há 10 anos, eu ajudei a construir o figurino e o cenário daquele auto de Natal, que este conteúdo seria utilizado como ferramenta para uma sala de aula virtual em atividades realizadas por nós.

Se observamos as atividades sugeridas por nós, perceberemos a presença de um olhar voltado não apenas para o conteúdo a ser ensinado em cada série, comunicando-se com a implementação das leis 10639/03 e 11645/08, mas também com a prática de uma educação antirracista quando são utilizadas imagens cheias de representatividade negra em vários contextos da atividade e dos comunicados como podemos observar na imagem a seguir.

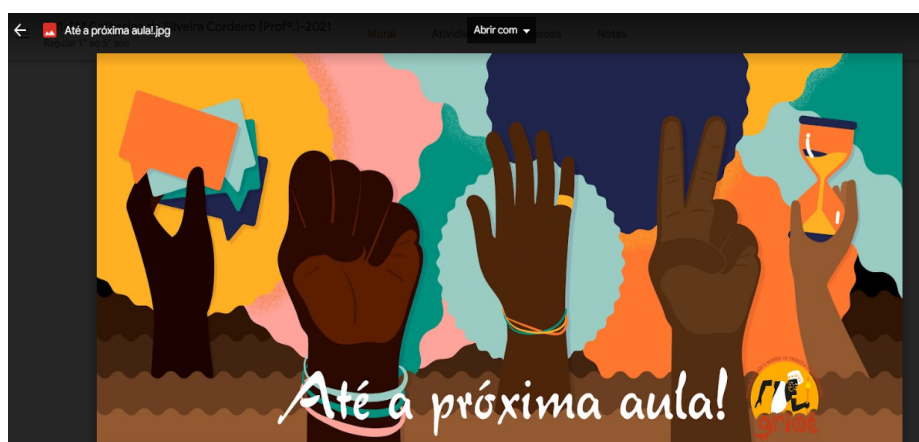


Imagem 8: Representatividade na comunicação na sala de aula virtual da professora Márcia Fonseca, prática de representação positiva da pessoa negra utilizada também por mim em minhas salas de aula virtual.

Santos (2018), em sua pesquisa, nos traz a reflexão sobre a importância da representatividade positiva do corpo da pessoa negra nas mídias, e neste trabalho, corroboramos com esta perspectiva, na medida em que ao analisar os nossos trabalhos e práticas pedagógicas, planejadas em conjunto com a professora Márcia Fonseca ao longo da nossa relação pessoal e profissional que se misturam. A representatividade é extremamente positiva para uma criança negra, como nos diz Gomes (2003)

A educação pode desenvolver uma pedagogia corporal que destaque a riqueza da cultura negra inscrita no corpo, nas técnicas corporais, nos estilos de penteados e nas vestimentas, as quais também são transmitidas oralmente. São aprendizados da infância e da adolescência. O corpo negro pode ser tomado como símbolo de beleza, e não de inferioridade. Ele pode ser visto como o corpo guerreiro, belo, atuante presente na história do negro da diáspora, e não como o corpo do escravo, servil, doente e acorrentado como lamentavelmente nos é apresentado em muitos manuais didáticos do ensino fundamental (GOMES, 2005, p.32)

Enxergar estas “ausências” de representatividade positiva na escola e no cotidiano

das pessoas é fundamental, pois de acordo com Bento (2002), é importante estar atento para os processos do racismo na subjetividade negra. A autora destaca que a estrutura racista faz com que os sujeitos negros internalizem os padrões europeus-hegemônicos como desejáveis e esse sentimento de inadequação é o que causa o sofrimento e fere a autoestima.

Observemos a atividade a seguir:

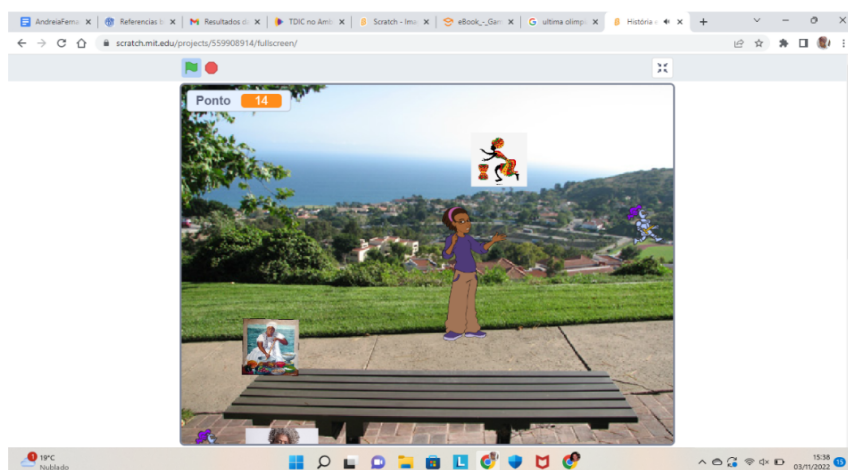


Imagem 9: Segundo Sápiras, Vécchia e Maltempi em seus estudos (2015, p. 979) O *Scratch* é um software livre desenvolvido no MIT (Massachusetts Institute of Technology) que se constitui como uma linguagem de programação visual e permite ao usuário construir interativamente suas próprias histórias, animações, jogos, simuladores, ambientes visuais de aprendizagem, músicas e arte.

Nas imagens acima, há *prints* de um jogo criado na plataforma *Scratch*, intitulado Cultura Afro. Este projeto foi produzido com base na aula da disciplina de “Pensamento Computacional”, durante as aulas da pós-graduação em Tecnologias Digitais. O objetivo era propor um jogo voltado para turmas de 6º ano do ensino fundamental, trabalhando a História e Cultura Afro-brasileira no ensino através do jogo interativo. Este também foi um projeto pensado em parceria com a professora Márcia e executado tanto por mim com minhas turmas do ano de 2020, como por ela com suas turmas. Cada uma produziu um jogo diferente de acordo com o segmento em que trabalha.

Neste, é apresentada uma personagem negra, que percorre alguns caminhos testando seus conhecimentos em temas abordados dentro da temática da Cultura Afro. Além da própria temática já ser bastante mergulhada no contexto de ensino de História e cultura afro-brasileira, também possui um cenário com imagem positivas alusivas a um morro (comunidade) em uma das fases do jogo, em outra uma árvore fazendo um paralelo com o baobá símbolo de ancestralidade africana. Assim como representação de várias mulheres negras de destaque em nossa sociedade.

Dessa forma, temos no uso do jogo a proposta de gamificação e de acordo com Gibson (2012) assumindo que os alunos gostam de jogar, mas são confrontadas na sua vida diária com atividades que por vezes as deixam enfadonhas, a gamificação é um processo que induz a motivação nessas atividades. Logo, a educação é um campo com elevado potencial para a aplicação da gamificação, representando uma evolução da aplicação de jogos com fins não didáticos (GIBSON, 2012).

Na imagem a seguir trago o jogo da professora Márcia também utilizou a gamificação, por meio do uso do *Scratch*, o que nos possibilitou uma grande e rica troca de experiência a respeito.



Imagem 10: Jogo na plataforma *Scratch* criado pela professora Márcia Fonseca para ser utilizado em sala de aula virtual durante o período de pandemia de Covid-19.

Segundo Fadel e Ulbricht (2014), o termo gamificação compreende a aplicação de elementos de jogos em atividades de não jogos. Assim, embora a palavra tenha sido utilizada pela primeira vez em 2010, a gamificação tem sido aplicada há muito tempo, desde a utilização de estrelinhas para marcar o caderno de quem fez atividade com mais zelo, aos jogos que podem ser produzidos pelos próprios alunos. A partir do nosso planejamento de trabalhar com scratch em sala de aula, conseguimos unir aprendizado através de jogos eletrônicos, trabalhando a representação positiva da imagem de uma pessoa com deficiência no caso do jogo produzido por ela, para abordar a temática de sua disciplina, que é a educação física, o basquete e o basquete paraolímpico, assim como da favela e de personalidades negras importantes no caso do jogo produzido por mim.

No jogo, disponibilizado para ser jogado por qualquer pessoa com acesso à internet via *link*, sem a necessidade de baixar aplicativo, o participante é desafiado a acertar o maior número de cestas possível, apesar da simplicidade do jogo, ele traz em sua essência um fator de fundamental importância no que diz respeito ao ativismo negro e ao ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, a representatividade positiva, mesmo sem necessariamente estar pontuando questões raciais e/ou de diversidade, a representatividade se dá de forma natural.

Ainda com base nos trabalho da professora Márcia Fonseca, na rede municipal de Cabo Frio-RJ, na Escola Municipal Catharina da Silveira Cordeiro, assim como os meus criados para apresentar como trabalho da pós graduação ou para utilizar em sala de aula virtual durante o período de ensino remoto, fator importante observado, que vale a pena ser dado ênfase, é a interação entre o *online* e o *offline*, que faz com que os alunos sejam estimulados a fazer a atividade na prática, utilizando -se da interação com o “virtual” para o estudo do tema, ou simplesmente maior contato com o conteúdo, mas principalmente para a devolutiva da atividade. Para tal, precisariam acessar, redes sociais, sites e *links* para acesso ao material, ferramentas de filmagem, gravação de áudio e equipamentos para fotografar, o que os coloca em contato direto com estas ferramentas.

Segundo Lindner e Kuntz (2014) , a integração dos elementos de jogos em rede sociais para promover impacto na geração de conhecimento, acrescento a este pensamento a importância trazida por tantos pesquisadores e professores no que diz respeito ao ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, como Gomes (2005) que vai nos falar a respeito da importância deste ensino, este artigo vem com o objetivo de levar profissionais de educação à reflexão sobre a possibilidade do uso das tecnologias digitais aplicadas ao ensino

da História das populações indígenas e africanas assim como seus descendentes, não só na disciplina de História como é o caso da minha atuação, como na disciplina de Educação física vistos em vários exemplos de nossas atividades trazidas neste estudo.

Vejamos uma outra proposta de atividade, inserida neste contexto das TDICs.

	ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA CATHARINA DA SILVEIRA CORDEIRO
	PROFESSORA: MARCIA FONSECA - DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA
	TURMA: 500 – 5º ANO - INTEGRAL
	CABO FRIO, 22 DE OUTUBRO DE 2021
	NOME DO (A) ALUNO (A): _____

ATIVIDADES DA SEMANA DE 18 A 22/10/2021 | AULA DE 5ª FEIRA – DIA 22/10 – 8H ÀS 9H40MIN: DANÇAS DO CONTEXTO COMUNITÁRIO E REGIONAL – BOI BUMBÁ OU BUMBA MEU BOI (PERSONAGENS DO BOI; DANÇA CARACTERÍSTICA).



Olá turma! Estamos estudando o Boi Bumbá ou Bumba meu boi, entre outros nomes pelo Brasil afora. Aqui no Rio de Janeiro, nosso estado, é chamado de Boi de Reis, Boizinho e Boi-Pintadinho, e quem participa das festas, das danças do auto do Boi é chamado de brincante! Então preparem-se: vamos ser brincantes! Vamos realizar o nosso folguedo do Boizinho brasileiro! Então vamos lá!

Alguns personagens fixos do auto do Boi:

- Boi: a pessoa que conduz o boneco e fica em seu interior é chamada de “tripa”.
- Casal - Pai Francisco e Mãe Catirina.
- Dono da fazenda e do Boi.
- Vaqueiros, índios e caboclos.
- Músicos: os personagens são acompanhados por músicas, de ritmos característicos sotaques.

1) Para realizar o folguedo do Boizinho em nossa escola, com o auto do Boi e suas danças, vamos precisar treinar nosso corpinho e suas habilidades. Sugestão de música para as atividades abaixo - “Carrapicho tic tac”
<https://www.youtube.com/watch?v=qe5ItVSzbcQ>

A) Preste bastante atenção na movimentação do Boi, com base no vídeo “Boi-bumbá Caprichoso (evolução) 2019 - 3ª noite”, link: <https://www.youtube.com/watch?v=F-UDHwVbGpI&list=RD3Hxov3ektzk&index=3>

B) Vamos fazer a movimentação do Boi!

C) Agora preste atenção em alguns passos e movimentos da dança do Boi, com base no vídeo, link abaixo:
<https://www.youtube.com/watch?v=3hxov3ektzk&list=rd3hxov3ektzk&index=2>
<https://www.youtube.com/watch?v=zalwvgexcmw>

D) Vamos dançar alguns passos da dança do Boi de acordo com que entendeu do vídeo acima.

ATENÇÃO: FAÇA AS TAREFAS, JOGOS E BRINCADEIRAS, TIRE UM PRINT, FOTOGRAFE OU FILME, ENVIE PARA O GSA.

Imagem 11: Atividades criadas em parceria com professora Márcia Fonseca, fazem a interação entre as aulas virtuais e a prática de educação física em tempos de pandemia, estimulando a utilização do *Youtube* como ferramenta de pesquisa por parte de seus alunos e solicita retorno das atividades em forma de fotografias, prints, filmagens entre outros meios tecnológicos.

Não podemos deixar de observar que além da representatividade negra positiva apresentada nas atividades, também é possível perceber a interação com as TDICs¹⁵, como poderosas ferramentas de interação e comunicação com seus alunos, fortalecendo seu aprendizado e permitindo que eles expressem seus conhecimentos, devolvendo as atividades também de forma digital, com a utilização de ferramentas como aplicativos de celular para gravar vídeo e/ou áudios da execução das atividades, acessar *links* para assistir a algum material pedagógico, dentre outras formas de interação tecnológicas, com a solicitação da devolutiva.

Na atividade da imagem 11 temos a proposta de devolutiva o registro via foto ou vídeo da atividade proposta, sem perder o foco de manter a valorização da história e cultura afro. Além disso, precisamos considerar o que Moreira (2006) destaca ao afirmar que no mundo globalizado é preciso interagir com as novas tecnologias, algo realizado na proposta acima. Nesse sentido Valente (2005) afirma que tanto o aluno como o professor são desafiados, principalmente no contexto da pandemia, a entender que as tecnologias e metodologias de aprendizagem implicam em estratégias diferenciadas de uso das mídias neste contexto e “Quanto mais avançadas são as tecnologias, mais a educação precisa de pessoas humanas e éticas.” (MORAN, 2007, p.167). E este olhar voltado para a diversidade faz parte deste componente humano e ético trazido por Moran.

Vejamos mais um exemplo de atividade proposta a seguir:



Imagem 12: Na atividade disponibilizada pela professora Márcia na sala de aula virtual durante a pandemia, o vídeo apresentado foi produzido por mim em sala de aula presencial em colaboração ao trabalho em turmas de anos anteriores, em período fora da pandemia de Covid-19. (há cinco anos, no perfil de Marcia Fonseca na plataforma *Youtube*).

¹⁵ O termo significa Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

Além de jogos, gamificação, uso de redes sociais, temos também a possibilidade de utilizar *podcasts* como ferramenta pedagógica, principalmente para estimular os alunos a acessarem e produzirem informação de fácil criação e acesso, como os *blogs*, excelentes fornecedores de conteúdos interessantes para a utilização em sala de aula. Neste caso específico, trago o exemplo do podcast produzido por mim, a partir de entrevista à professora Márcia Fonseca, onde pode ser encontrada a maioria das informações sobre a experiência da referida professora, assim como sobre a nossa parceria e prática na implementação das leis 10639/03 e 11645/08. Assim como o *blog* criado por mim, também como atividade no curso de pós-graduação, pensados, inicialmente, com o objetivo de futuramente serem implementados com as contribuições e produções dos alunos.

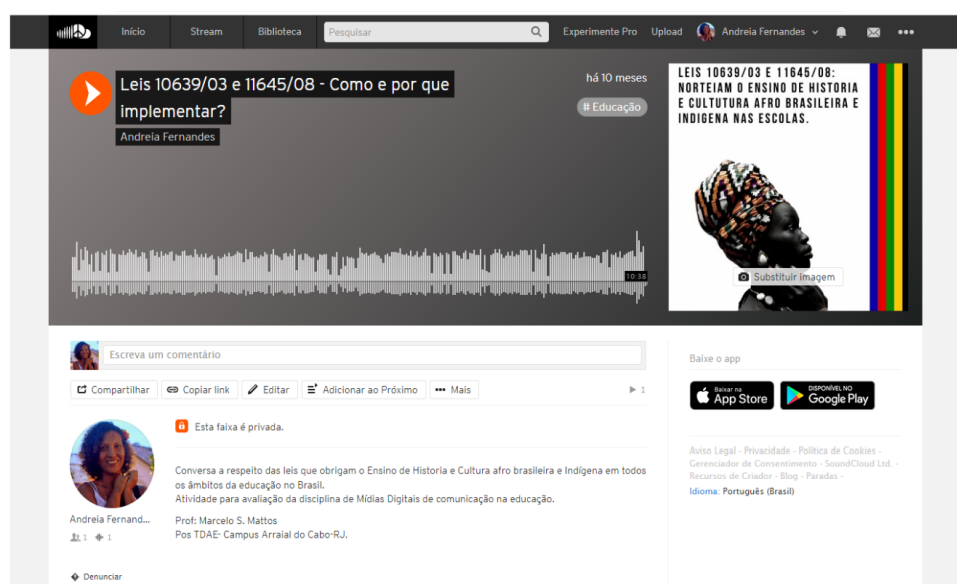


Imagem 13: Podcast - Andreia Fernandes entrevista Márcia Fonseca acerca da trajetória de parceria e implementação das leis 10639/03 e 11645/08¹⁶.

No estudo de Lima, Campos e Brito (2020, p. 2) é possível perceber como a utilização do podcast pode ser uma poderosa ferramenta para tornar a aula mais atrativa, ampliando assim a possibilidade de engajamento dos alunos nos temas tratados.

O potencial educativo do *PodCast* está relacionado à sua forma de apresentação tecnológica. Ressalta-se que essa mídia digital pode despertar um maior interesse pela aprendizagem dos conteúdos principalmente por se constituir numa nova possibilidade de ensino introduzido na sala de aula. Tal mídia pode contribuir para os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos, uma vez que, estes podem escutar diversas vezes um mesmo áudio no intuito de compreender melhor do conteúdo abordado; também, possibilita a aprendizagem dentro e fora da sala de aula, inclusive, a gravação do próprio Podcast (LIMA, BRITO & CAMPOS, 2020, p.9)

¹⁶ <https://soundcloud.com/andreia-fernandes-566138844/leis-1063903-e-1164508-como-e-por-que-implementar>

Nesse caso em específico, o exemplo de trabalho mencionado, é da entrevista com a professora a qual este estudo faz referência devido a nossa parceria profissional ao longo de todos esses anos. Apesar de todas as dificuldades encontradas e fortalecidas mesmo com o racismo estrutural, conseguimos de forma bastante significativa implementar as leis aqui descritas.

Bell Hooks (2003) nos ensina que não basta apenas reagir ao racismo, é necessário ocupar esse espaço vazio, criar e construir, recusando o papel de vítima e defendendo o que acreditamos. De acordo com a autora, a mentalidade de vítima é que as coisas são do jeito que são e que não vão mudar. A vitimização citada por Hooks é nociva e extremamente reivindicada por mulheres e homens negros. Ao alegar ser vítima, você está recusando o empoderamento. Nesta trajetória de duas docentes, eu e Márcia ocupamos estes espaços, reconhecendo, sim, o racismo e a necessidade de mudança, mas nos movimentando e movendo nesta estrutura valorizando a história e cultura afro-brasileira em nossas aulas.

Na imagem a seguir (14), trechos do blog criado por mim com o objetivo de experimentar a criação de conteúdos comprometidos com a educação antirracista e o ensino de História e cultura afro-brasileira, mas que também pode e deve ser analisado como uma ferramenta de construção de conteúdo antirracista que pode ser produzida pelos próprios alunos. Nele é possível acompanhar também parte da trajetória profissional de nós duas e a dedicação para a real implementação das referidas leis ao longo dos anos.

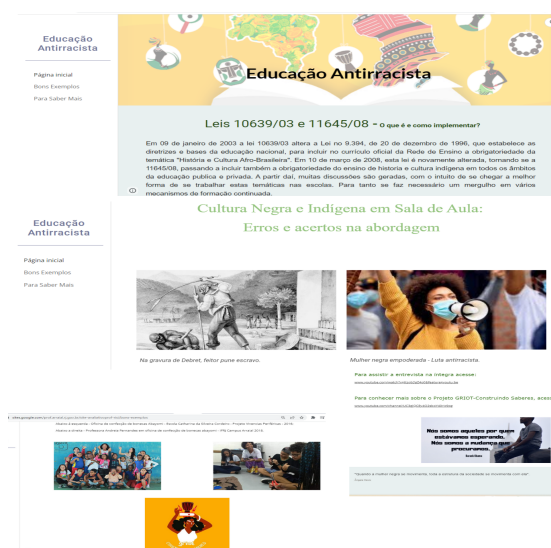


Imagem 14: Trechos do blog feito por mim no decorrer do curso de pós graduação em tecnologias digitais aplicadas ao ensino- IFRJ¹⁷

¹⁷ Link para acesso ao blog: <https://sites.google.com/prof.arraial.rj.gov.br/site-avaliativoprof-risi/para-saber-mais>

Nesse sentido, Gomes (2017, p.43) reflete sobre o papel dos Movimentos Negros como construtores de pensamentos antirracistas que podem e devem refletir em aulas e espaços escolares com representatividade positiva do corpo, da História e da memória do povo negro, neste caso em específico, no Brasil com seu histórico de longo período escravocrata e que até hoje colhe reflexo deste sistema que durou mais de trezentos anos.

Em seu estudo voltado para a análise do blog intitulado Blogueiras Negras, a professora e pesquisadora Silva (2020), apresenta as potencialidades do *blog* como ferramenta para a disseminação de vozes pretas e o combate ao racismo e que podem ser implementadas no âmbito escolar.

Blog pode ser definido como um gênero digital no qual o conteúdo pode ser atualizado constantemente. O termo é derivado do inglês, das palavras web (rede) e log (registro no sistema). [...] os blogs se proliferam na internet como ferramentas de uma narrativa híbrida, um misto de diário, crônica jornalística e correspondência, que representa, simultaneamente, o individual e o coletivo, dimensões características da sociedade pós-moderna (Rocha, 2003, p.57)

É a partir deste olhar que esta pesquisa pretende viabilizar um *ebook* que traga um compilado não só de exemplos de ações e ferramentas a serem utilizadas fortalecidas pelas tecnologias digitais aplicadas ao ensino como exemplos de ferramentas de gamificação que podem e devem ser utilizadas em sala de aula, assim como sites, vídeos e outras estratégias para utilizar as ferramentas cada vez mais emergentes e afloradas pela pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que as tecnologias digitais cada vez mais fazem parte do cotidiano das pessoas, seja na esfera pessoal, ou na profissional, e entendendo que este trabalho é apenas a ponta do *iceberg* no que diz respeito às reflexões acerca da utilização destas tecnologias no ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, busco trazer uma contribuição para profissionais que desejem mais do que simplesmente cumprir uma lei, queiram fazer com que seus alunos se vejam representados em suas aulas, corroborando com o pensamento de Munanga (2005 p.17) ao afirmar que a educação é a única forma de mudar o atual quadro e que apenas as leis não mudam as atitudes das pessoas.

É preciso vontade e formação continuada para profissionais da educação de forma a ampliar o entendimento destes, não só para a importância histórica dos negros como também

para a valorização e bem-estar de alunos negros na educação básica. Segundo Munanga (2005), não existe fórmula mágica. Para além da escravidão, da dor e do sofrimento, é importante contar a história de luta, a força, a inteligência, enfim toda a contribuição dos africanos trazidos para o Brasil e que são os responsáveis por parte significativa da nossa História e da nossa formação como nação.

A pandemia de Covid-19 acelerou uma discussão que já vinha sendo travada desde antes da criação das referidas leis de ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena, a educação antirracista, como nos traz Nilma Lino Gomes (2017) que fala da importância da descolonização dos currículos e da importância dos Movimentos negros nessa construção.

A partir de 2020, com a emergência da pandemia, ferramentas tecnológicas que vinham aos poucos sendo difundidas no ambiente escolar passaram a ser parte fundamental da vida de alunos e professores. Este artigo junto com um *ebook* interativo direcionado a professores que desejem implementar as referidas leis em suas aulas, intitulado UBUNTU¹⁸ (em homenagem a História de luta antirracista e fortalecimento mútuo existente entre a professora Marcia e eu no que tange nossa prática profissional ao longo dos últimos anos, que gerou o Projeto GRIOT- Pesquisa, difusão e memórias em tradições afro-brasileiras) e que pretendo lançar em breve via NEABI - Núcleo de Estudos afro-brasileiros e Indígenas do IFRJ- Campus Arraial do Cabo, instituição que tenho a honra de participar, buscam ser pontapés iniciais para a possibilidade de dialogar a construção da educação antirracista, com pensamentos como o de Pierre Levy e seus conceitos acerca da conectividade e sua contribuição para as sociedades em todas as áreas, neste caso incluindo a educação.

Ou seja, a importância e possibilidade de produzir e acessar conteúdo antirracista com o auxílio das tecnologias digitais, que podem ser excelentes ferramentas para a implementação das leis 10639/03 e 11645/09, que obrigam o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas.

¹⁸ Segundo Moraes (2019, p.4) em seu estudo sobre a filosofia africana Ubuntu, característica principalmente nos povos bantos, ubuntu representa a ética da responsabilidade, que invoca o tshiamalenga (a filosofia do nós), em que o nós ubuntu é a partilha, a solidariedade e o cuidado mútuo, em que o nós é anterior ao eu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020. 264p. (Feminismos Plurais/Coordenação de Djamila Ribeiro).

ANDRADE, C. **Autoetnografia. Questões aprofundadas de Investigação**. Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia/Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, p.04. 2016.

ATKINSON, P. **Rescuing Autoethnography**. Journal of Contemporary Ethnography, vol.35, n. 4, 2006.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

Da Silva, J. y Do Nascimento Silva de Oliveira, F. (2021). Autoetnografia negra feminista: uma experiência educativa de pensadoras negras. **Nodos y Nudos**, 7(50). <https://doi.org/10.17227/nyn.vol7.num50-12572>

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

DENSHIRE, S. **On auto-ethnography**. **Current Sociology**. May, 23, 2014. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0011392114533339>. Acessado em 15 de março de 2022.

ELLIS, C. **The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography**. New York, Oxford: Altamira Press, 2004.

FERNANDES, A. F. (Nome de usuário Scratch: Andreia FN). Jogo: **História e cultura afro-brasileira**. Agosto/2021. acessado em 2022. <https://scratch.mit.edu/projects/559908914/fullscreen/>

FONSECA, M. (Nome de usuário Scratch: Fulo_griot). **Jogo: Basquetebol: Teste suas habilidades fazendo cestas**. julho/2021. acessado em maio de 2022 - <https://scratch.mit.edu/projects/552728455/>

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a. edição

FREYRE G. **Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481. ed. rev. — São Paulo : Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil ; 1).

GOMES, N. L. **Cultura negra e educação**. Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

24782003000200006&lng=en&nrm=iso Acessado em: 19 de agosto de 2022

_____. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação.** Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMEZ, V. M. **Pedagogia da virtualidade : redes, cultura digital e educação.** São Paulo : Edições Loyola, 2015.

GONZALEZ, L. **A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade.** Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.º 92/93.(jan.jun.).1988.

HAYANO, D. M. **Auto-ethnography: Paradigms, Problems and Prospects.** Human Organization, v. 38, n. 1, p. 99-104, 1979.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

_____. **Rock My Soul: Black People and Self-Esteem.** New York: Atria Books, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

Jornal Folha dos Lagos. **Sobre o Poeta Victorino Carriço.** edição digital de 29 julho 2019. acessado em março de 2022 no link a seguir
<https://www.folhadoslagos.com/cultura/em-29-de-julho-de-1912-nascia-o-poeta-victorino-carriço/10952/>

Lévy, P. **Cibercultura,** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

Lopes de Carvalho, F. A. **O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES COLETIVAS SEGUNDO ROGER CHARTIER.** Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 9. núm. 1, 2005

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: outubro de 2005.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. In: Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECAD – Editora Moderna [2]: 27 a 35 Jan./Abr. de 1995 (com bibliografia atualizada).

MOREIRA, A. da S. Cultura midiática e educação infantil. Educ.Soc. Campinas, vol. 24,nº85, 2003

MUNANGA, K. (org). **Superando o Racismo na escola.** 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, K; GOMES, N. L. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006. p. 106.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

PIEIDADE, V. **Dororidade**. São Paulo: Editora Noz, 2017. p.11.

Revista Raça. **Raízes: Baobá**. Edição de agosto de 2022. Acessado em 1 de outubro de 2022. em:

<https://revistaraca.com.br/raizes-baoba/#:~:text=O%20imbondeiro%20ou%20a%20Adansonia,baob%C3%A1%2C%20onde%20deixavam%20sua%20ess%C3%Aancia>.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

Salter, J. (2016). Touching paranoia: **A black feminist autoethnography on race, desire and erotic massage**.

https://www.researchgate.net/publication/316095055_Touching_Paranoia_A_Black_Feminist_Autoethnography_On_Race_Desire_And_Erotic_Massage

SANTOS, S. M. A. **Experiências de desigualdades raciais e de gênero: Narrativas sobre situações de trabalho em uma fast fashion**. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019. Para obtenção de título de Doutorado em Sociologia.

SILVA, C. P. S. da. **Análise dos discursos sobre a decolonização do corpo e do cabelo negro. Tese (Doutorado em Linguística)** - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, M. ; SANTOS, E. O. **A pedagogia da transmissão e a sala de aula interativa**. In: TORRES, P. L.. (Org.). Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento. 1ed.Curitiba, Pr.: SENAR, PR., 2014.

SMITH, S.; WATSON, J. **Women, autobiography, theory: a reader**. Estados Unidos. 1993.

VERSIANI, D. B.. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.